

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

GRUPO DE ESTUDOS DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

André Bagatini¹
Alessandro Vorussi Corrêa²

Resumo: Quais são os ganhos na formação do estudante de ensino médio com a leitura dos clássicos da filosofia? Essa é a questão que permeia nosso texto e da qual apontamos por meio de uma prática metodológica um caminho por onde exercer tal atividade no cotidiano da atividade escolar.

Palavras-chave: Filosofia. Educação. Texto Filosófico. Metodologia.

INTRODUÇÃO

O grupo me ajudou na compreensão de fatos que ocorrem ao meu redor, na maior parte das vezes criando uma análise do meu próprio comportamento, se é ou não “natural”. Os conteúdos abordados em sala me proporcionam uma visão superficial do tema. No grupo é possível entender de que forma um determinado assunto interfere na minha vida e como é aplicado. (Brenda, 16 anos, 2º Ano)

Esta comunicação faz uma apresentação e uma defesa de uma experiência de ensino e aprendizagem a respeito da especificidade do ensino de filosofia no ensino médio.

Desde a promulgação da lei³ sobre a obrigatoriedade do ensino de filosofia e sociologia no ensino médio, muito tem se discutido sobre os modos de se tratar a filosofia nessa etapa de ensino. *Por quê, o quê e como* ensinar filosofia no ensino médio? A primeira resposta, já muito corriqueira e por isso mesmo as vezes desgastada, resume-se a dizer que se ensina filosofia para formar o *senso crítico* dos alunos. Depois disso se disputa sobre os modos de se fazer isso: por temas, por autores, seguindo manuais didáticos, cronologicamente, lendo os clássicos etc.

Nesta comunicação faremos uma defesa da leitura dos clássicos no ensino de filosofia nesta etapa de ensino, bem como o relato e apologia de uma experiência que aplicamos desde 2012 — o grupo de estudos de filosofia — como ferramenta e oficina para aplicação e experimentação de *como e o quê* fazer para exercer o ensino de filosofia no ensino médio.

1258

¹ Especialista em Antropologia Cultural – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Graduado em Bacharel e Licenciatura em Filosofia - Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduado em Bacharel em Música Popular – Faculdade de Artes do Paraná (FAP-UNESPAR). Professor supervisor do PIBID Filosofia. E-mail: andrebagatini12@gmail.com

² Graduado em Bacharel em Filosofia e aluno do curso de Licenciatura da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista do PIBID Filosofia. E-mail: ale.alecorrea@hotmail.com

³ Cf. Lei 11.684/08. Acesso em 19/09/2014. <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/93696/lei-11684-08>

Assim, faremos uma discussão articulando a necessidade da leitura dos clássicos da filosofia no ensino médio com nossa experiência de grupo de estudos criado no colégio. Poder-se-ia objetar-nos que não se trata de uma experiência efetiva de aplicação de metodologia do ensino de filosofia no ensino médio, uma vez que ela não se dá na própria sala de aula. Esperamos refutar essa objeção através da defesa do mesmo como uma oficina de aplicação dos clássicos bem como com os resultados obtidos com os próprios alunos que participam do grupo.

DESENVOLVIMENTO

O grupo de estudo PIBID/Filosofia e a leitura dos clássicos

O grupo de estudos PIBID/Filosofia ocorre semanalmente, às quartas-feira, das 12 às 13hs. É aberto para todos os interessados, sendo sua participação voluntária. Reúne alunos de todos os anos do ensino médio, por blocos e técnicos. Sua criação se deu em 2012 e vem ocorrendo semanalmente, durante o ano letivo, desde então. Existe uma rotatividade dos alunos participantes, tendo uma média de quinze alunos frequentando o grupo, alguns desde sua criação.

A metodologia utilizada consiste na seleção de um texto clássico da filosofia¹ e na leitura e discussão com os alunos. Deixamos sempre o espaço aberto para a discussão de ideias e contribuição dos alunos e tentamos relacionar os textos lidos com os contextos e problemas vividos pelos próprio estudantes. Nesse sentido, percebemos que os textos contribuem para a formação de um arsenal conceitual para os alunos, conforme veremos nos relatos dos mesmos. Mas antes, temos um problema.

Por que ler o texto filosófico no ensino médio?

Imaginando um instante, que a Filosofia enquanto disciplina estatutária da grade curricular do ensino médio contribui de forma decisiva para a formação (Bildung) dos estudantes. Quais são os ganhos em utilizar propriamente o texto filosófico para essa tarefa? Fabbrini diz o seguinte à guisa de uma leitura adorniana:

1

Muitos dos textos lidos até hoje no grupo se encontram na **Antologia de Textos Filosóficos**, disponível gratuitamente em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_pedagogicos/caderno_filo.pdf acesso em: 19 de setembro de 2014. A Antologia é composta de vinte e dois textos ou excertos de textos de filósofos clássicos e um texto de filósofo brasileiro, escolhidos por sua relevância para os estudantes do nível médio. Os textos selecionados são precedidos por introduções redigidas por professores universitários especialistas nos filósofos escolhidos.

Considerar, assim, o curso de filosofia uma arte da escuta da articulação lógica e da fulguração poética dos discursos, é vinculá-la à *Bildung*, uma vez que esse curso visa desenvolver no aluno “a consciência ou faculdade de pensar em seu sentido mais profundo”, como dizia Theodor Adorno (1995, p.151), não apenas ensinando-lhe as regras da lógica formal, mas também estimulando “sua capacidade de fazer experiências intelectuais”. (FABBRINI, 2005, p.14).

Assim, a leitura filosófica é ocasião para alargamento da formação intelectual e crítica, e posse de um aparato conceitual que permite uma amplitude reflexiva para o leitor. O texto filosófico, por não ser fechado em si mesmo, ao contrário, abriga “diferentes possibilidades de interpretação, igualmente aceitáveis pelo entendimento” (FABBRINI, 2005, p.10), aguçando o espírito crítico do estudante, “dando-lhe uma visão muito mais rica do seu próprio mundo, das várias maneiras pelas quais ele pode resolver ou equacionar um problema” (SILVA apud FABBRINI, 2005, p. 10 -11).

Nessa etapa de formação desses jovens alunos, muitos começam a lidar com problemas e questões sobre o mundo e a existência que antes eles não tinham. Com a necessidade de criar um sistema próprio de visão de mundo, começam a questionar as diversas verdades que lhes são passadas pela própria escola, pela religião, pelo Estado, pela família, enfim, pelas diversas instituições sociais. Têm, em suma, que lidar com sua própria liberdade. Cremos, partindo de um aparato teórico, que o texto filosófico fornece um arcabouço conceitual e de reflexão que permite aos alunos criarem suas próprias concepções e visão de mundo, tal como afirma Gerard Lebrun:

Nunca acreditei que um estudante pudesse orientar-se para a filosofia porque tivesse sede de verdade: a fórmula é vazia. É de outra coisa que o jovem tem necessidade: falar uma língua de segurança; instalar-se num vocabulário que se ajuste ao máximo às “dificuldades” (no sentido cartesiano), munir-se de um repertório de “topoi” - em suma, possuir uma retórica que lhe permitirá a todo instante denunciar a “ingenuidade” do “cientista” ou a “ideologia” de quem não pensa como ele. Qual melhor recurso se lhe apresenta senão tomar emprestado um discurso filosófico? (LEBRUN, 1976, p. 148-153)

Assim, junto com Lebrun, vemos na leitura do texto filosófico uma ferramenta para a criação de uma *linguagem de segurança* e um conjunto de *topoi* que concede aos alunos do ensino médio um instrumento e um meio pelo qual possam desenvolver sua postura crítica latente.

Poder-se-á objetar, ainda, que o texto filosófico, por ser direcionado à problemas específicos ou questões que permeiam uma determinada época, torna-se obsoleto para o estudante que trás consigo questões contemporâneas. Portanto, qual o sentido de se buscar nos clássicos da filosofia um caminho para se pensar criticamente suas aflições? Diríamos que, o texto filosófico por si só — como tentamos demonstrar acima — abarca o caráter propositivo

da reflexão, convidando o leitor a saltar para além do que diretamente está escrito e pensar o que textualmente não foi dito. Assim, ele passa a ter sentido formador, enquanto instrumento de reflexão crítica. Segundo Marilena Chauí, no prefácio à edição da “Antologia de textos filosóficos”:

Experiência da razão e da linguagem, a filosofia é a peculiar atividade reflexiva em que, na procura do sentido do mundo e dos humanos, o pensamento busca pensar-se a si-mesmo, a linguagem busca falar de si mesma e os valores (o bem, o verdadeiro, o belo, o justo) buscam a origem e a finalidade da própria ação valorativa. Essa experiência, concretizada no trabalho de cada filósofo, constitui o *discurso filosófico*.

[...] Ler, escreve Merleau-Ponty, é fazer a experiência da “retomada do pensamento de outrem através de sua palavra”, é uma *reflexão em outrem*, que enriquece nossos próprios pensamentos. Por isso, prossegue Merleau-Ponty, “começo a compreender uma filosofia deslizando para dentro dela, na maneira de existir de seu pensamento”, isto é, em seu discurso (CHAUÍ apud MARÇAL, 2009, p.12-13).

O texto filosófico apresenta-se então não só como meio para tomada de reflexão crítica, mas também como instrumento de amplitude de experiência literária. Pois, ninguém dúvida que o texto filosófico, mesmo em uma leitura diletante, não nos acrescenta nada.

Não se ensina filosofia, mas sim o filosofar. Esse adágio clássico presente na filosofia kantiana exprime de maneira transparente o sentido que propomos nas experiências positivas com os estudantes. A filosofia não se apresenta dentro de um domínio epistemológico onde se é possível dizer qual o caminho que deve ser trilhado. Mas apresenta as mais variadas vias por onde se é possível trilhar.

1261

CONCLUSÃO

Vemos, com isso, que o ensino de filosofia passa pelo discurso filosófico e que esse permite aos alunos criar uma *língua de segurança* para formular seus próprios problemas e visão de mundo, dando assim condições para os mesmos poderem articular a sua realidade e perceber a relação mais ampla que existe entre sua vida e o contexto histórico e social em que se inserem. Podemos perceber isso no próprio relato dos alunos que participam do grupo:

O grupo me ajudou na compreensão de fatos que ocorrem ao meu redor, na maior parte das vezes criando uma análise do meu próprio comportamento, se é ou não “natural”. Os conteúdos abordados em sala me proporcionam uma visão superficial do tema. No grupo é possível entender de que forma um determinado assunto interfere na minha vida e como é aplicado. (Brenda, 16 anos, 2º Ano)

O grupo de filosofia, no caso ela em geral, possui um grande “papel” em minha vida, pois, com a sua ajuda, consegui analisar e compreender melhor o mundo ao meu redor, além de expandir o mesmo. Ao analisar tudo, consigo me posicionar e manter um debate, sabendo, muitas vezes entendendo, mesmo não concordando, diversos pontos de vista. (Milena 16 anos, 2º Ano)

O grupo de filosofia traz ao ensino médio a possibilidade de uma experiência mais intensa sobre a matéria, com um teor mais livre, sem a parte tradicional da sala de aula. Com leitura e debate dos textos filosóficos clássicos, desperta nos alunos o interesse pelo assunto que há muito estava submerso na escola; e como consequência cria um senso crítico que será aproveitado tanto no cotidiano quanto em outras áreas do conhecimento. (Ana Luiza, 17 anos, 3º Ano)

A Filosofia em nossa formação nos possibilita ter um pensamento refletido e um raciocínio lógico, nos fazendo ver das coisas complexas às coisas simples de uma maneira diferente, nos possibilitando ter um pensamento mais amplo sobre várias coisas e não se basear somente em coisas que vimos ou ouvimos. A Filosofia também nos faz encontrar respostas para as nossas perguntas. Os textos Clássicos tem total relação com a Filosofia, pois é através deles que podemos entender, compreender, interpretar e até mesmo ouvir as vozes dos grandes gênios da Filosofia. (Taís, 15 anos, 1º Ano)

A filosofia afeta o meu futuro na parte psicológica da minha realidade metal (metal, sendo dura demais para interferir), um contexto vago de mim mesmo, é saber que sou uma mero pêssego com caroço indivisível. Eu mesmo por eu mesmo sou aquilo que tenho a temer perante o imoral, é minha maior questão para sociedade (uma de muitas). A filosofia afeta minha formação por completo, sendo a qual desejo me graduar, mesmo não tendo tanto "poder" em minhas mãos. A filosofia é senão minha percepção do "admirar", como definição do cavaleiro das trevas da Grécia Antiga: Platão. O cotidiano do qual me serve de atrito e justificação, visa a filosofia, a minha admiração do mundo, interpretação e contemplação da face mórbida de minha curiosidade perante o mundo. (Lion, 15 anos, 1º Ano)

Com base nesses comentários e à luz do pensamento kantiano, faz-se a defesa “*par excellence*” do texto filosófico para o exercício da reflexão crítica.

Até então não se pode aprender nenhuma filosofia; pois onde está ela? Quem a possui? Por que caracteres se pode conhecer? Pode-se apenas aprender a filosofar, isto é, a exercer o talento da razão na aplicação dos seus princípios gerais em certas tentativas que se apresentam, mas sempre com a reserva do direito que a razão tem de procurar esses próprios princípios nas suas fontes e confirmá-los ou rejeitá-los. (KANT, 2001, B 866).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FABBRINI, R. N. O Ensino de filosofia: a leitura e o acontecimento: Transformação, (São Paulo), v.28(1), 2005, p.7-27.

MARÇAL, J. [org.] Antologia de Textos Filosóficos. Curitiba: SEED – Pr., 2009.

LEBRUN, G. Por que filósofo? Estudos Cebrap (São Paulo), v. 15, 1976.

KANT, I. Crítica da razão pura. Tradução: Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Calouste Golbekian, 2001.